

PERCEÇÃO-PRODUÇÃO DA FRICATIVA INTERDENTAL SURDA /θ/ POR FALANTES BRASILEIROS DE INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA

Anilda Costa Alves
Leônidas José da Silva Jr.

Universidade Federal da Paraíba – anildacosta16@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba – leonidas.silvajr@gmail.com

Resumo: Ao se deparar com uma segunda língua, como o inglês, onde o sistema linguístico se mostra de forma bastante distinta, alunos brasileiros encontram muita dificuldade para produzir e compreender os sons que não compõem seu sistema fonológico. Em meio a algumas distinções fonético-fonológicas, está presente o som da fricativa interdental surda /θ/, fonema que não faz parte do sistema fonológico do português brasileiro e que traz para os estudantes de inglês como segunda língua, sobretudo em seus primeiros contatos, uma grande dificuldade no momento de sua produção. Este trabalho tem por objetivo averiguar como se dá a percepção-produção da fricativa interdental surda do inglês /θ/ por alunos brasileiros de uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental da cidade de Guarabira-PB. Para nossa metodologia, trabalhamos com dados orais dos alunos, que após serem tratados e analisados acusticamente pelo programa computacional PRAAT, comprovou-se a existência de transferências fonológicas recorrentes da não consciência fonológica do inglês. Os resultados apontam para uma necessidade de maior atenção aos aspectos fonético-fonológicos por profissionais que trabalham com línguas estrangeiras. A possível ausência de atenção pelos professores quanto a estes aspectos acarreta em desvios na pronúncia e na escrita durante produção fonética e letramento do inglês como segunda língua. Por outro lado, o trabalho com atividades que privilegiam o *listening* em relação às demais habilidades linguísticas, utilizando instrução explícita, traz resultados satisfatórios em relação ao tratamento da língua alvo. Ao se tomar conhecimento dos processos cognitivos que o aprendiz utiliza e o que o leva a produções indevidas, torna-se menos complexo encontrar meios eficazes para se chegar a um ensino mais produtivo.

Palavras-chave: Fricativa interdental surda /θ/, ensino de língua inglesa, consciência fonológica.

INTRODUÇÃO

Apesar do grande avanço relacionado ao ensino de línguas estrangeiras, sobretudo no que concerne à gama de ferramentas tecnológicas que aproximam o estudante a outras culturas, alguns pontos no processo ensino-aprendizagem parecem não acompanhar essa nova realidade do século XXI. Ainda é comum observar que o foco da aprendizagem esteja ligado a aplicações de regras e estruturas gramaticais. A discriminação de estratégias que levem o aprendiz a utilizar a língua para facilitar o seu real propósito, a comunicação, não é priorizada na maioria das escolas regulares brasileiras. A possível ausência de atenção pelos professores quanto aos aspectos fonético-fonológicos da língua acarreta em desvios na pronúncia e na escrita durante produção fonética e letramento do inglês como segunda língua (doravante, L2).

Ao tentar comunicar-se em uma língua estrangeira, como o inglês, alunos brasileiros utilizam sua primeira língua, o português brasileiro (PB – doravante, L1), como base subjetiva para tentar compreender e fazer uso da L2. Essa falta de conhecimento das distinções dos aspectos fonético-fonológicos pode trazer insatisfação numa situação em que o aluno utilize essa língua para a comunicação oral. A esse tratamento da língua alvo seguindo os mesmos padrões da língua materna (L1→L2), dá-se o nome de transferência fonológica (TF). O conhecimento de processos como TF por parte de profissionais que ensinam uma língua estrangeira é importante para obtenção de resultados eficazes no processo ensino-aprendizagem, visto que desvios antes tratados simplesmente como erros, que não se tinha a preocupação de descobrir e tratar a dificuldade podem ser explicados e tratados de forma eficiente através de atividades que venham amenizar alguns desses fenômenos.

Em seu trabalho monográfico sobre a aquisição do inglês como L2 por falantes brasileiros, Alves (2016) discorre sobre alguns processos fonológicos causados pelo não desenvolvimento da consciência fonológica (doravante, CF) e dá ênfase ao ensino tendo como base as questões fonológicas da língua.

Nas quatro habilidades em que se faz uso do inglês, *listening*, *speaking*, *Reading* e *writing*, o aluno transfere de sua L1 todos os padrões na produção da L2. Diante disso, Polivanov (1931); Akamatsu (2002); Erdener e Burnham (2005); Zimmer e Alves (2006) e Alves (2012) discorrem em seus estudos acerca dessas dificuldades vividas por esses aprendizes e lançam algumas alternativas que podem amenizar tais ocorrências, como por exemplo, a aplicação de atividades levando o aprendiz a pensar conscientemente acerca dos aspectos fonético-fonológicos da L1 e da L2.

Silva Jr (2014), ao defender o *listening* como sendo a habilidade que antecede aspectos morfossintáticos, afirma sua contribuição para um ensino de pronúncia mais efetivo, na tentativa de desenvolver no aluno a CF e suavizar fenômenos como a TF, levando o indivíduo a ter uma percepção mais aguçada ao ter contato com os padrões antes ignorados da L2.

Em nossa pesquisa, buscamos investigar como se estabelece a percepção-produção da fricativa interdental surda do inglês /θ/, presente, por exemplo, em palavras como “*think*” [θɪŋk] como também apontar mecanismos que venham amenizar produções desviantes do fonema almejado, levando o indivíduo a reconhecer que os padrões fonológicos da sua L1 não são universais. Que línguas distintas possuem sistemas fonológicos distintos, conhecimento importante para o processo de aquisição de uma L2.

Esperamos com essa pesquisa mostrar que o ensino de uma L2 não se restringe apenas a abordagem de estruturas morfossintáticas. O aluno deve ser exposto antes de tudo a habilidades orais, contemplando aspectos fonético-fonológicos, fazendo-o perceber distinções entre sua língua e a língua-alvo, para que não venha a tratar a L2 seguindo os mesmos padrões da L1.

METODOLOGIA

Para nossa metodologia, trabalhamos numa turma do 8º ano do Ensino Fundamental II (composta por 18 alunos) de uma escola particular da cidade de Guarabira-PB.

Explicamos aos alunos que precisávamos realizar um trabalho de investigação de como se institui a percepção-produção do inglês por alunos brasileiros. Não esclarecemos o que seria detalhadamente o objeto de estudo para que não houvesse interferência nas produções. Os alunos sentiram-se animados a nos fornecer os dados, porém não fizemos a coleta com todos devido à grande quantidade de dados a serem analisados. Os alunos não se sentiram incomodados durante o procedimento, visto que já atuávamos como professor titular da turma.

Apresentamos aos alunos um áudio¹ no qual o acesso foi unicamente para julgamento acústico como pista de percepção de um falante nativo do inglês produzindo o correspondente fonético do fonema em estudo, /θ/. Os alunos foram instruídos a ouvir e, logo em seguida, repetir as palavras pronunciadas mediante a apreciação da metodologia de ensino *Audiolingual*; por estímulo-resposta (cf: LEFFA, 1988). As palavras apresentadas aos alunos foram: *thank you; think; tooth; Cathy* [θæŋk ju:]; [θɪŋk]; [tu:θ]; [kæθi].

As gravações da produção fonética dos alunos foram realizadas dentro da própria sala de aula com a utilização de um gravador *Zoom H1 Handy Recorder 200m*. Após coletados, realizamos a análise acústica dos dados no programa computacional *PRAAT* versão 5.3, traçado pela análise espectrográfica. Esta análise avalia os componentes em frequência de um som. Segundo Kent e Read (2002, p.141) o espectrograma registra, no eixo das ordenadas (horizontalmente), o valor das frequências que compõem a onda sonora, enquanto no eixo das abscissas (verticalmente) os instantes de tempo, isto é, a amplitude. Em outras palavras, os componentes de frequência e amplitude se observam através do maior e menos escurecimento

¹ Link do áudio apresentado aos alunos que serviu de base para nossa coleta: <https://www.youtube.com/watch?v=MktZH0bNOWO> - As palavras-alvo aparecem no intervalo de 01h30min a 01h50min.

do traçado, a partir da observação dos níveis de cinza. O movimento do espectrograma se interpreta mediante a observação da banda larga e banda estreita. A banda larga realiza o discernimento dos formantes por meio do fechamento e alargamento das pregas vocais. Observa-se também a obtenção da realização do som sonoro (vozeado) e surdo (desvozeado). O de banda estreita permite a visibilidade dos harmônicos mais que dos formantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Othero (2005), a fricativa interdental /θ/, desvozeada, não faz parte do inventário fonológico do PB. Isso dificulta muito para o aprendiz no momento da produção. Ao ouvir as palavras da língua inglesa que apresentam esse fonema, o aluno vai buscar no seu inventário o som que mais se aproxima. Esse som geralmente é substituído por /t/, /s/, /f/.

Uma vez que o indivíduo não percebe que esse som não figura na sua língua materna, não consegue categorizar um novo padrão sonoro. Para que haja essa nova categorização, o aprendiz deve ser instruído a notar que esse som é diferente dos sons de sua L1, mas para que isso ocorra é importante uma orientação do professor, que através de atividades que levem o aprendiz a refletir sobre o código linguístico da língua alvo consiga estabelecer essa distinção fonêmica, conforme aponta Alves (2012).

Mascherpe (1970) já destacava que a proximidade articulatória entre os fonemas de uma língua e outra é uma das primeiras dificuldades que os estudantes encontram ao tentar imitar um som estranho ao da L1. Como não vê diferenças entre os sons, articulam fones correspondentes aos fonemas da L1 que sejam próximos daqueles que ouviu transferindo-os naturalmente à L2 e produzindo apenas os correspondentes fonéticos dos fonemas semelhantes.

Polivanov (1931) afirma que cada língua possui uma restrição de estrutura. Ele classifica essas restrições como discrepâncias. As discrepâncias quantitativas ocorrem quando o indivíduo vai buscar na sua língua uma adequação silábica, como por exemplo, a inserção das vogais de apoio, segmentos muito comuns quando, por exemplo, um falante brasileiro está em processo de aquisição do inglês, e pelo fato do português brasileiro (PB) ser sensível às oclusivas em posição de coda, é comum a construção de produções como [buki] para [buk] – *book*, essa inserção reestrutura a sílaba aos moldes do PB, consoante/vogal, CV.

Outro tipo de discrepância apontada pelo autor, que se encaixa em nosso objeto de estudo, são as discrepâncias qualitativas. As discrepâncias qualitativas são mais sutis, diferente das discrepâncias quantitativas, não há mudança no tempo, pois o enquadramento se dá num mesmo período de tempo, apenas há a mudança na característica sonora de um segmento.

Nota-se que durante a aprendizagem, por exemplo, de um fonema que não faz parte do sistema fonológico de sua língua, é comum que o indivíduo, de forma inconsciente, busque em sua língua um fonema mais próximo daquele a que foi exposto. O autor ainda aponta que a percepção de fala é criada a partir da experiência linguística do ouvinte, portanto quanto maior o repertório linguístico ao qual o ouvinte for exposto maior facilidade terá de identificar fonemas e estruturas silábicas diferentes da sua língua materna.

Conforme podemos notar em nossos dados, os alunos mudaram a característica sonora da fricativa interdental surda do inglês, produzindo assim uma fricativa labiodental surda, fonema que compõe o sistema fonológico do PB, tratando-se, portanto, de uma discrepância qualitativa.

De acordo com Kent & Read (2002) uma fricativa é produzida através de movimentos no trato supraglótico: uma constrição no trato vocal e uma pressão do ar em alta velocidade através da constrição.

O ponto de constrição na produção das fricativas, ativa polos e zeros. Os polos são formantes, que são modos naturais de vibração do trato vocal e zeros são antiformantes, ou seja, um polo produz um reforço de energia aplicada, enquanto um zero causa uma perda de energia aplicada. Essa ativação provoca um fluxo turbulento que no espectrograma pode ser identificado por uma área cinza, onde a energia pode estar menos ou mais intensa ao longo do sinal. Fricativas estridentes (alta intensidade) como /s/ provocarão uma concentração de energia maior, fricativas menos intensas, como o caso da interdental desvozeada [θ] causarão uma concentração de energia mais baixa (parte destacada de amarelo da Fig. 1).

Porém antes de comprovar a produção da fricativa interdental desvozeada, é necessário uma análise mais detalhada do segmento apresentado. As fricativas interdentais possuem características acústicas muito semelhantes com as labiodentais, de forma que é praticamente impossível identificá-las visualmente no espectrograma. Então como determinar se houve a produção de uma ou de outra?

Ladefoged & Johnson (2011) afirmam que esses fonemas compartilham dos mesmos padrões acústicos sendo, portanto, necessário utilizar

como parâmetro para determinar a produção das fricativas o valor da F2 do núcleo da sílaba. Para ilustrar, buscou-se como parâmetro, possível de realização, a vogal média [ɛ] já que possui uma medida de aproximadamente 2000 Hz para o F2. O estabelecimento da medida da F2 como parâmetro se dá pelo fato deste formante possuir as propriedades de antero-posterioridade do segmento. Ou seja, caso a energia da fricativa seja menor que 2000 Hz, teremos a produção de uma labiodental, caso o valor da energia da fricativa supere 2000 Hz, teremos a produção de uma interdental.

O que faz a labiodental ter uma energia levemente mais baixa é devido ao ponto de obstrução deste segmento ser realizado na abertura do tubo ressonador (lábios e dentes), o que vai gerar uma maior extensão para propagação das partículas de energia, onde elas estarão mais difundidas, com o mínimo possível de concentração. Como as interdentais têm uma obstrução um pouco mais posterior, a extensão do tubo ressonador terá uma leve redução e em comparação com as labiodentais, a concentração de energia terá um leve aumento.

Em nossa análise, os valores das fricativas na figura 1 nas palavras *thank you* [θæŋk ju:] e *think* [θɪŋk], produzidas como [fɛŋkju] e [fɛŋk], foram de aproximadamente 2024 e 2043 HZ. Embora esses valores superem 2000 Hz ainda podemos concluir que se trata da fricativa labiodental /f/, visto que o aumento não foi significativo e principalmente porque se trata de um segmento que foi nasalizado. A nasalização ocorre neste evento espectrográfico porque há uma distância entre a F1 e a F2 que corrobora com a análise de percepção auditiva. Conforme Barbosa e Madureira (2015) o valor da frequência da F2 da vogal nasal é mais elevado do que nas vogais orais.

Deve-se levar em conta também que os valores atribuídos por Ladefoged & Johnson (2011) são valores lineares de adultos americanos e em nossas análises lidamos com informantes brasileiros adolescentes, sendo, portanto natural que haja um aumento de energia, levando em consideração que a medida do tubo ressonador de um adulto é maior que de um adolescente e quanto menor o tubo ressonador, maior será a concentração de energia, pois as partículas de energia terão menos espaços para se propagarem.

Fig. 1: Produção da fricativa labiodental nas palavras “thank you” e “think”.

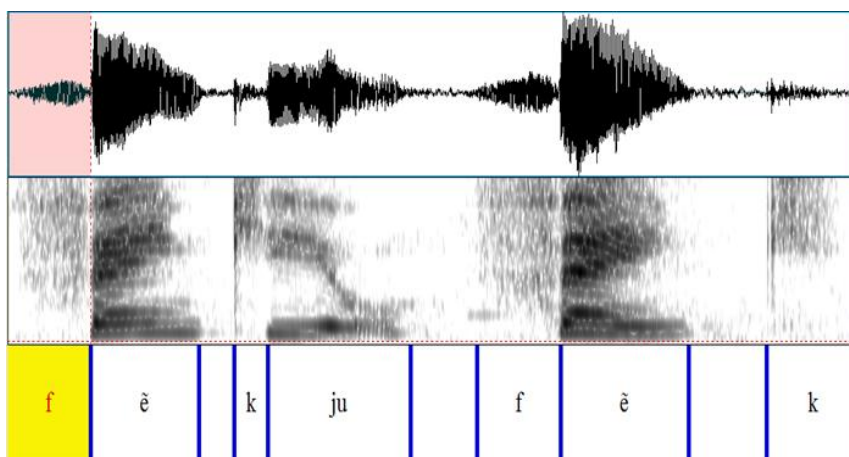
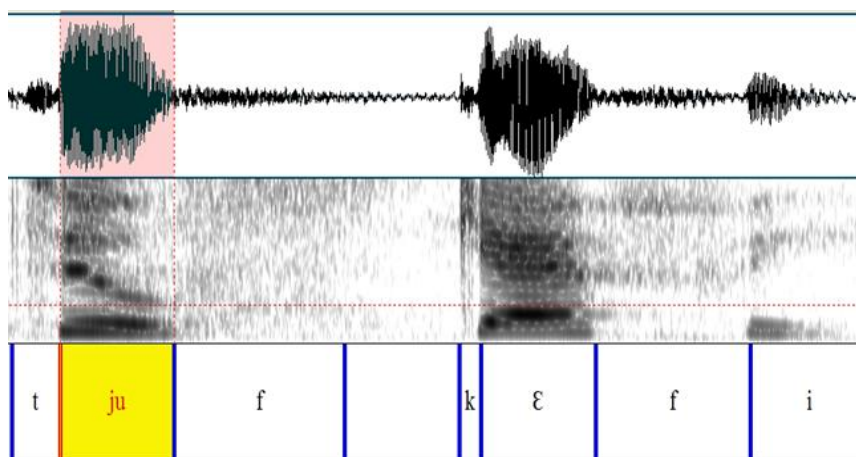


Figura 2: Produção da fricativa labiodental na palavra “tooth” e “Cath” e inserção da vogal de apoio na palavra “Cath”.



Na figura 2 podemos comprovar a produção da fricativa labiodental nas palavras *tooth* [tu:θ] e *cath* [kæθ] produzidas como [tjuɸ] e [kɛfi], respectivamente. Ladefoged & Johnson (2011) atribuem uma medida de 1000 Hz para a vogal oral [u] que foi produzida como um ditongo [ju] e valores que vão de 2300 a 2500 Hz para a vogal oral [i]. Em nossas produções as medidas de F2 dos núcleos dos segmentos em estudos foram de 1167 Hz na primeira palavra e 2071 na segunda, *tooth* e *cath*, respectivamente. Mais uma vez houve um pequeno aumento de energia, ao qual podemos atribuir a questões antes mencionadas, nossos informantes são adolescentes, e os valores que os autores colocam como parâmetros são de adultos masculinos americanos, sendo, portanto normal que aconteçam diferenças. Os valores comprovam a ideia dos autores em afirmar uma frequência menor nas labiodentais devido a uma extensão maior do tubo para a propagação de energia.

O fato de os alunos não compreenderem que pode haver distinções entre as línguas resulta na hipótese de que os padrões fonológicos de sua língua são universais e isso os leva, durante o processo de percepção, ao apagamento da diferenciação dos fonemas ou estruturas silábicas diferentes da sua língua materna, corroborando assim as palavras de Polivanov (1931) quando afirma que a percepção acústica é filtrada pela experiência linguística que o falante possui. É importante, no ensino de uma segunda língua, aprimorar essa experiência de língua no aprendiz através do desempenho de atividades que o ajudem ao desenvolvimento da CF em L2.

Há uma estreita relação entre a CF e o ensino de línguas. Durante o processo de comunicação, o indivíduo raramente ficará atento as menores unidades que compõem uma palavra, visto que toda a atenção recai sobre o significado. Porém quando surge a necessidade de aprender a articular os sons de uma língua, é preciso pensar nos detalhes que compõem sua estrutura fonêmica.

Alves (2012) aponta a importância do desenvolvimento da CF no ensino de uma L2. Ao ser exposto a outro código linguístico, o indivíduo não vem vazio, pois carrega consigo padrões já arraigados da L1. Esse fator, segundo o autor, exerce uma vantagem na aquisição da língua alvo. Indivíduos já alfabetizados, que já desenvolveram habilidades de CF na L1, diferem significativamente daqueles que não dispõem de tais habilidades, ou seja, indivíduos não alfabetizados. É provável que aprendizes que receberam instrução formal de leitura e escrita em L1, desenvolvam uma maior sensibilidade aos detalhes fonológicos na L2, conforme Tarone e Bigelow (2005).

O indivíduo que desenvolve CF possui a capacidade de se debruçar sobre o código linguístico desenvolvendo atividades de reflexão e manipulação. No entanto, é um processo muito amplo devido a caracterizar-se por uma diversidade de habilidades que vão sendo desenvolvidas aos poucos, visto que são capacidades operadas em níveis distintos. Alves (2012) destaca que os diferentes níveis da CF se desenvolvem num *continuum* de complexidade que vão desde a habilidade de manipular estruturas silábicas até a manipulação de unidades menores que a sílaba, isto é, chega-se ao fonema que corresponde a menor unidade de som com capacidade de mudança de significado.

A percepção das fricativas envolve o nível mais complexo da CF, visto que o indivíduo tem que estar atento aos fonemas da língua. Um fonema é uma unidade sonora distintiva. Lamprecht et al. (2004) destacam que dois sons são considerados fonemas em uma língua quando a troca de um pelo outro promove

mudança na significação de uma palavra. Por exemplo, /p/ e /b/ são fonemas, pois a substituição dessas unidades sonoras em palavras como ‘pote’ e ‘bote’ representam significados distintos.

Sendo assim, a consciência no nível dos fonemas apresenta um grau de complexidade maior, pois se mostra na capacidade de operar em unidades sonoras que apresentam caráter distintivo em uma língua, exigindo uma habilidade maior do indivíduo.

Alves e Barreto (2012) apontam que o processo de aquisição de uma segunda língua ocorre de modo gradativo. O indivíduo em seus primeiros contatos com uma L2, na maioria das vezes, não é capaz de distinguir que determinados aspectos fonético-fonológicos não figuram em sua L1. Enquanto determinados aspectos dos dois sistemas linguísticos não forem sistematizados, o estudante tratará ambas as línguas seguindo os mesmos padrões.

É importante ainda as habilidades de oralidades sejam mais cultivadas durante o ensino de uma L2. Silva Jr (2014) em sua pesquisa sobre o ensino de pronúncia do inglês como L2 destaca a importância de levar o aprendiz a ouvir, antes das demais habilidades. Segundo o autor, isso amenizaria as ocorrências de TF, pois se, ao adquirir nossa língua materna, somos expostos antes de qualquer outra habilidade ao *listening*, no processo de aquisição de uma L2 não seria diferente. Esse contato fará com que o aprendiz fique cada vez mais atento aos fonemas que não fazem parte de sua L1. Os resultados deste estudo com alunos graduandos do curso de Letras/Inglês em início do curso revelam maior eficácia quando o *listening* precede as demais habilidades.

Estudantes brasileiros de inglês como L2 tendem a relacionar aspectos fonético-fonológicos da língua inglesa seguindo as mesmas regularidades do português. Essa transferência fonológica de padrões é a causa dos desvios mais recorrentes na produção de fala dos estudantes e, por consequência, na produção escrita.

A ativação dos aspectos da L1 pelo aprendiz durante o processo ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira é algo importante no ensino, tendo em vista que, ao se tomar conhecimento dos processos cognitivos que o aprendiz utiliza e que o leva a produções indevidas, torna-se menos complexo encontrar meios eficazes para se chegar a um ensino mais efetivo.

Dupoux & Peperkamp (1999), Krashen (1982) e Stampe (1973) destacam a importância do input como uma condição necessária para que o aprendiz seja capaz de avançar no processo de aquisição. Esse input, no entanto deve ser aplicado de forma adequada, visto que é preciso que o estudante, em fase

inicial, seja levado a pensar conscientemente sobre os sons da língua alvo.

CONCLUSÃO

Conforme comprovado nos resultados aqui apresentados, evidencia-se a importância do nível fonético-fonológico dos sistemas linguísticos para o ensino do inglês, como L2 que está sendo focalizada no momento. Fica evidente o papel do professor como meio de levar o aprendiz a ter conhecimento de tais aspectos, levando-os a perceber que a L1, PB, não segue necessariamente os mesmos padrões da L2, inglês, para otimização no processo ensino-aprendizagem.

Devido ao pouco tempo dedicado ao trabalho que envolva atividades com habilidades orais nas aulas de L2, o aluno compromete o processamento cognitivo em relação a questões fonético-fonológicas. Ele não desenvolve, por ocasiões, de modo satisfatório a CF do inventário fonêmico da L2. Há considerável transferência dos elementos da fala da L1 para a língua alvo que chegam por vezes ao comprometimento das trocas conversacionais entre os interlocutores.

Através dos dados obtidos na pesquisa, foi possível perceber que o PB é a ferramenta que os estudantes utilizam para tratar a língua inglesa, seja no contexto falado ou escrito e que a carência do estímulo acústico, recurso pouco explorado em sala de aula, contribui de forma significativa para realização de processos de TF.

Esperamos com essa pesquisa mostrar a relevância de tais conhecimentos no ensino de inglês como L2, visto que, ao saber o porquê de determinados desvios dos padrões fonético-fonológicos, fica mais fácil encontrar uma solução que venha, na menor das possibilidades, amenizar tais problemas. Assim, diante do reconhecimento dessa capacidade, o profissional levará ao aprendiz a possibilidade de adquirir um melhor desempenho no sistema comunicacional da L2, corroborando o pensamento de Vasseur (2015) ao afirmar que, no processo de aquisição da L2, é importante a compreensão de como o indivíduo aprende para que assim o professor oriente os caminhos para o desenvolvimento da competência em processo de interação com a L2.

REFERÊNCIAS

AKAMATSU, N. *A similarity in word-recognition procedures among second language readers with diferente first language background*. Applied psycholinguistics, v. 23, p. 117-133, 2002.

ALVES, A. C. *A importância da consciência fonológica na aquisição do inglês como segunda língua*. 2016. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016.

ALVES, U. K. *Consciência dos aspectos fonético-fonológicos da L2*. In: *Consciência dos Sons da Língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores da língua inglesa/org*. Regina Ritter Lamprecht; Ana Paula Blanco-Dutra...[et al.]- 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

ALVES, U. K.; BARRETO, F. M. *O processamento e a produção dos aspectos fonético-fonológicos da L2*. In: *Consciência dos Sons da Língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores da língua inglesa/org*. Regina Ritter Lamprecht; Ana Paula Blanco-Dutra...[et al.]- 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental – Dados aplicados ao português brasileiro*. São Paulo, Cortez Editora, 2015.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* (Version 5.3) Retrieved from: <http://www.praat.org>, 2014.

CHARD, D.; DICKSON, S. *Phonological Awareness: Instructional and Assessment Guidelines*. *Intervention in School and clinic*.v. 34, n. 5, p. 261-70, 1999.

DUPOUX, E.; PEPERKAMP, S. *Fossil markers of language developments: phonological 'deafnesses' in adult speech processing*, Oxford, Oxford University Press, 1999.

KRASHEN, S. D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Los, Angeles, Pergamon Press Inc, 1982.

KENT, R. D.; READ, C. *The acoustic analysis of speech*. 2nd edition. New York: Delmar, Cengage Learning, 2002.

LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. *A Course in Phonetics* 6th ed. Boston, Wadsworth. 2011.

LAMPRECHT, R. R. et al. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

LEFFA, V. J. *Metodologia do ensino de línguas*. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: EDUFSC, 1988. p. 211-236.

MASCHERPE, M. *Análise comparativa dos sistemas fonológicos do Inglês e do Português*. (Tese de Doutorado.) Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1970.

OTHERO, G. A. *Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança*. *Revel*, v. 3, n. 5, 2005.

POLIVANOV, E. *The subjective nature of the perceptions of language sounds*. In E. Polivanov, *Selected Works. Articles on General Linguistics* (compiled by A. Leont'ev), pp. 223-237. The Hague: Mouton, 1931.

SILVA Jr, L. J. Anais do IV ENID, 2014. *O ensino de pronúncia na formação do aluno de letras: contribuições da habilidade "listening"*. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/anais.php>. Acesso em 08 de março de 2015.

VASSEUR, M-T. *Aquisição da L2: compreender como se aprende para compreender o desenvolvimento da competência em interagir em L2*. In: *Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística*. Alessandra Del Ré (org.). – 2. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

STAMPE, D. *A dissertation on natural phonology*. Tese (Doutorado). Chicago University, 1973.

TARONE, E.; BIGELOW, M. *Impact of literacy on oral language processing: implications for second language acquisition research*. *Annual Review of Applied Linguistics*, Cambridge, v. 25, p. 77-97, 2005.

